

O DIABO E A TORRE

Adriano Lobão Aragão

DO QUE ME DISSERAM sobre as tais cartas, lembro que foi para os duques de Milão, por volta do século XV, que Bonifácio Bembo pintou um famoso baralho de tarô que hoje se encontra na Academia Carrara de Bérghamo, talvez, ou na Morgan Library de Nova York, não sei. Também lembro que, por não saberem a que se destinava aquelas cartas, aquele baralho, e mesmo depois de ouvirem dizer que se tratava de um determinado jogo, as cartas passaram a ser usadas por uma certa Alcimária como instrumento de práticas divinatórias. Só não se adivinhou como um baralho que pertenceu aos duques veio parar entre as mãos de Alcimária. Menciona-se que o desconhecimento da escrita e das regras do jogo foi essencial para que tal mulher passasse a fabular narrativas a partir da associação de cartas. E que tais narrativas encontravam sua devida, talvez aproximada, versão nas vivências de alguns conhecidos logo depois. Em pouco tempo, Alcimária tinha em mãos o instrumento ideal para a predição do futuro, não se sabendo se tratava-se de premonição, predestinação ou simples coincidência, assim como ninguém pôde afirmar com certeza quando e como foram perdidas determinadas cartas do baralho de Bembo, dentre estas, a do Diabo e a da Torre.

Nada mais pude descobrir sobre Alcimária, além de breves episódios desconexos. Entretanto, muitos mencionavam que ela fora amante de um certo arruaceiro conhecido como Johaness, e deste havia diversas histórias contadas ao longo de muitos e muitos anos por toda esta região. Por isso, acredito que a maioria de vocês já deve ter ouvido alguma versão de seu assassinato. Não sei por que, ao ouvir alguns relatos a respeito de Alcimária e as cartas de Bembo, rememorei o que sabia desse facínora. Mas não importa, deixemos o acaso conduzir as palavras, como a notícia da morte de Johaness, que correu rápido, muito rápido. Talvez até numa velocidade maior que as histórias de seus crimes e atos. Que Johaness sempre foi um bandido, e que desde cedo se tornou célebre nas conversas de feira, isso é certo, mas também é certo que boa parte do que se relatava sobre ele era produto de fabulações e exageros. E tudo que se conte de sua vida anterior à bandidagem é provavelmente invenção descabida. Efetivamente, é possível que nunca saibamos nada de concreto antes do dia em que assassinou um certo falastrão após um desentendimento numa noite de bebedeira. O falastrão passou boa parte da noite gabando-se de seus feitos, até mesmo da morte de cinco outros arruaceiros falastrões e dois soldados, quando Johaness, calado desde o início da noite, mencionou que não havia o que gabar por ter vencido lutas que nunca existiram, posto que todos haviam sido assassinados à traição, em furtivos golpes pelas costas. O riso e as palavras então se perderam entre as sombras

e, após certo momento de fúria contida e silenciosa, um punhal saltou para a mão do falastrão. *Devo levar a tua língua comigo, na palma da minha mão, para mostrar o que acontece com quem tenta me ridicularizar*, disse, aproximando-se lentamente de Johaness.

O facínora apenas mencionou que gostaria de terminar a bebida antes de se sujar de sangue. Entretanto, seu braço direito foi imediatamente acertado pelo punhal de seu oponente, instigando-o a lutar, chamando-lhe de covarde. Apesar das interpelações, ele deixava calmamente o sangue escorrer, até que algumas gotas deslizassem para dentro de sua bebida. E num único gesto bebeu todo o conteúdo rapidamente e sacou o punhal. O falastrão preparava um novo golpe, sem conseguir disfarçar seu riso diabólico. O braço ferido de Johaness dava-lhe inquestionável vantagem, e não toleraria mencionarem tratar-se de uma nova covardia, posto que o ferimento ocorreu durante a instigação necessária para trazer-lhe para a luta. Não queria acertá-lo pelas costas. Sua arma riscava o ar seguidas vezes em direção a Johaness. O olhar pairava sobre a ensanguentada mão direita. E numa tentativa de golpe, o punhal do falastrão passou novamente no vazio e a mão esquerda de Johaness acertou em cheio um soco em sua face e logo em seguida cortou profundamente o braço direito de seu desafeto, o suficiente para que o oponente deixasse a arma ir ao chão. Johaness disse que esperaria que retomasse sua arma. A falta de destreza com a esquerda era evidente no falastrão. Não foi preciso muito tempo para que o facínora lhe acertasse a garganta. Caído, tentando inutilmente conter o sangramento com a mão, Johaness o virou de costas e cravou profundamente o punhal no exato lugar em que o falastrão costumava atacar suas vítimas. Então, virou novamente o agonizante e, abrindo caminho a curtos e certos golpes, decepou a língua do falastrão e deixou-a na mão direita do adversário. Depois, terminou a bebida e sumiu noite adentro. Permaneceu essa primeira história. Até quem nunca o viu uma única vez afirmava ser absolutamente verdadeira. Também há quem costume afirmar que a verdadeira história da morte do falastrão é que Johaness, após ter assaltado um viajante, passava por ali, dirigindo-se para o bar, e o falastrão tentou atacá-lo pelas costas, mas foi surpreendido por um rápido movimento do facínora que, tendo se desvencilhado do primeiro golpe, lançou certamente seu punhal na garganta do inimigo. Depois, bebeu tranquilamente e pagou a bebida entregando para o estalajadeiro o punhal de seu traçoeiro oponente. Numa outra narrativa, o tal falastrão simplesmente tombou acometido por um mal súbito. Levou a mão ao peito e à garganta e caiu sufocado por uma intensa e derradeira agonia. Justo naquele momento, passava por ali Johaness, que passou a observar tranquilamente os últimos instantes de vida do falastrão. Os olhos do falecido permaneceram fixos na direção de Johaness. Sua fisionomia transmitia mais raiva do que dor. O facínora passou a revistar o cadáver, em busca de qualquer coisa que valesse algum dinheiro, como o punhal que acabara de encontrar. No entanto, o olhar do falastrão recém-falecido, sua boca aberta, sua língua à vista, passaram a lhe incomodar profundamente. *Esse imbecil, com certeza, está a me maldizer por todos os infernos agora*, pensou. Foi quando usou o punhal para decepar a língua do falastrão, como se fosse possível silenciar o silêncio inquisidor de um morto. Essas três versões, e ainda outras histórias, costumam ser mencionadas quando se fala a respeito do surgimento de Johaness ou do desaparecimento do falastrão, e que as figuras nas cartas da Torre e do Diabo no

baralho de Bembo correspondem às fisionomias do facínora e de seu malfadado oponente. Há também quem afirme categoricamente que todas as versões são igualmente verdadeiras. Quem se importa?

Nas feiras e estalagens, era comum que o nome de Johaness aparecesse. Era recorrente. Por diversas vezes, corria de boca em boca notícias sobre algum roubo ou assassinato que tenha praticado. Com o tempo, parecia que qualquer coisa que acontecesse pelas estradas e veredas fosse obra de Johaness. E se tornara anedota e referência em ditos populares. Isso até o surgimento de sua derradeira história. Dizem que Johaness foi assassinado por Talmo Devri, o Manco, também conhecido como o Língua Costurada, seu comparsa em inúmeros roubos e arruaças. Diversas afirmações sobre os motivos que levaram Talmo a vitimar Johaness com uma punhalada à traição passaram a compor o mosaico de especulações realizadas nas conversas do povo. Entretanto, há quem afirme que Talmo havia sido capturado por acaso, poucos dias antes de ter atacado seu famoso comparsa. Espancado e amarrado, Talmo recebeu a notícia da morte de Johaness e limitou-se a dizer *acontece, essas coisas inexplicáveis sempre acontecem*.

O certo é que não sabemos o que aconteceu. Eu já nem me preocupava mais com as lendas de crimes e infortúnios de Johaness e de outros bandidos menos conhecidos quando tive a inesperada oportunidade de ouvir o depoimento de um senhor que afirmava ter ouvido diversas vezes de seu avô a seguinte história. Conta que, embora já tivessem ciência da fama um do outro, Johaness e Talmo só se conheceram em um bar, após se interessarem pela mesma mulher, que diz ter sido justamente uma certa Alcimária, que naqueles anos ganhara alguma notoriedade por conta de suas predições através das cartas de um antigo baralho. É claro que pensei ter sido justamente essa Alcimária o motivo da discórdia entre os dois bandidos, e conseqüentemente da traiçoeira punhalada sofrida por Johaness. Entretanto, nada mais se pôde apurar a respeito. O acaso caminha paciente em nossa sombra, e eu, que sigo os passos da curiosidade e da fabulação, atravessei os dias seguintes sem pensar em outra coisa senão as lacunas existentes entre esses três desafortunados. Pus-me novamente a ouvir e rememorar histórias. Na maioria delas, a referência a Talmo Língua Costurada é a de um assassino manco que transparecia bastante calma e costumava inexplicavelmente levantar a mão direita para o alto, enquanto com a esquerda golpeava violentamente suas vítimas. Seu andar trôpego, proveniente da diferença de tamanho de suas pernas, tornava sua presença ainda mais diabólica, avivada pelos seus gestos ao se mover. Mas também dizem que, após a morte de um certo falastrão numa briga de bar, Johaness passou a ter como companhia constante a traiçoeira presença de Talmo Devri, o Língua Costurada. Todo o testemunho do tempo acaba dissolvido nos emaranhados da fala do povo. Além das narrativas e do anedotário popular, não existe mais nada que comprove se um dia Johaness, Talmo e Alcimária de fato existiram. E nada garante que este antigo baralho tenha pertencido a Alcimária, ou que entre suas mãos tenham desaparecido definitivamente a carta da Torre e a do Diabo.

Adriano Lobão Aragão

Nascido em Teresina, professor do Instituto Federal do Piauí, autor, dentre outros, de *Os tempos e a forma* (poesia reunida, 2017), *Destinerário* (poemas, 2017) e *Os intrépidos andarilhos e outras margens* (romance, 2012).